

## **Imagem e Subjetividade: o ato de fotografar e suas leituras<sup>1</sup>**

Alicia GOMES<sup>2</sup>

Jorge FELZ<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **Resumo**

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da relação entre o ser humano e a imagem. Isto será feito através de um paralelo entre o fotojornalismo e o fotodocumentarismo. Assim, o papel da fotografia será colocado em questão, ressaltando a imagem como um importante recurso comunicativo, que é muitas vezes menosprezado. Para isso, tem-se como referência o livro de Jorge Pedro Sousa: “Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa”, juntamente com perspectivas variadas, elaboradas por autores como: Célia Martins, Susan Sontag, Paulo César Boni, entre outros. Ao fim, propõe-se que a imagem não é um mecanismo imparcial e pode contribuir para denunciar e transformar uma realidade. Por isso, deve ser encarada com a mesma relevância que artifícios comunicacionais, tal qual a fala e a escrita.

**Palavras-Chave:** Fotografia; Fotojornalismo; Fotodocumentarismo; Imagem; Transformação social.

### **Introdução**

A fotografia tem sua origem em um cenário positivista e já foi encarada como uma representação da verdade. Entretanto, conforme Sousa (2002), atualmente entende-se que a fotografia é um instrumento de representação da realidade, mas que esta não se estabelece como espelho fiel do real. Dubois (1993) discorre sobre essa falsa percepção:

[...] quer se seja contra, quer a favor, a fotografia nelas é considerada como a imitação mais perfeita da realidade. E, de acordo com os discursos da época, essa capacidade mimética procede de sua própria natureza técnica, de seu procedimento mecânico, que permite fazer

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior IU04 – Jornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Jornalismo (quarto período) da Faculdade de Comunicação (FACOM) da UFJF, bolsista do PET- Programa de Educação Tutorial/ FACOM/UFJF. alicia.gomes@estudante.ufjf.br

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. jorgefelz@gmail.com

---

aparecer uma imagem de maneira "automática", "objetiva", quase "natural" (segundo tão-somente as leis da ótica e da química), sem que a mão do artista intervenha diretamente. (DUBOIS, 1993, p. 27)

Diante da pluralidade de recursos visuais de uma foto, torna-se um desafio delimitar o que se apresenta como fotojornalismo. Visando salientar essa questão, Sousa (2002) vai distinguir fotojornalismo e fotodocumentarismo, para o autor a segunda prática pode se fragmentar tornando-se a primeira, pois ambas possuem o mesmo canal de difusão (imprensa) e os mesmos princípios (documentar, denunciar), o que separa as duas atividades é, portanto, o que ele denomina “tipologia do trabalho”.

Sob a perspectiva de Sousa (2002), em um universo fotodocumentarista o fotógrafo irá estudar todo conteúdo que será fotografado, no fotojornalismo isso não é uma realidade, visto que o fotógrafo se depara com pautas diárias e desconhecidas. Nesse sentido, a transmissão da mensagem estabelecida através das duas práticas se aproxima à medida que: em diferentes níveis de preparação, vão denunciar e retratar uma realidade.

Dubois (1993) entende o ato de fotografar como um processo complexo que envolve o fotógrafo, enquanto agente ativo, o dispositivo da câmera, como instrumento mediador e o ambiente, como objeto de representação. Nesse contexto, o autor contempla a fotografia não apenas como um registro visual, mas também como um meio de expressão. Para Dubois (1993) o ato de fotografar representa um processo multifacetado que culmina na construção de diferentes significados.

Ademais, Dubois (1993) vai examinar a fotografia como um meio capaz de transformar o real por meio de sua própria natureza representacional, para ele ao capturar um momento específico no tempo e espaço, altera a percepção da realidade ao ‘congelá-la’ em uma imagem fixa. Além disso, o autor destaca como a seleção do enquadramento, a manipulação da luz e a escolha do momento preciso para disparar a foto contribuem para a interpretação singular do produto. Dessa maneira, a fotografia não apenas reflete a realidade, mas também a transforma, conferindo-lhe uma dimensão estética, subjetiva e muitas vezes simbólica.

A autora Susan Sontag no ensaio “Objetos de melancolia” propõe uma relação entre a fotografia e o movimento surrealista. Para a autora, a fotografia é a linguagem que mais referência o surrealismo, pois permite que o observador tenha uma visão mais emocionante diante do real e que, além disso, institui uma nova relação com o tempo:

---

entre o momento presente em que a foto é tirada e a rapidez dos segundos que tornam desse momento passado.

Causa estranhamento associar a fotografia ao surrealismo, porque a tendência é pensar na fotografia como a mais singela representação do real, isso na menor de suas complexidades. Entretanto, o que Susan propõe nesse ensaio é uma maior complexidade ao pensar sobre fotografia. Ao desconstruir, crenças comuns sobre as imagens que autores como Susan Sontag, Philippe Dubois, Jorge Pedro Souza, Celia Martins, Didi-Huberman vão buscar compreender alguns dos aspectos da relação construída entre os humanos e as imagens.

### **Comunicação por meio das imagens**

#### Imagem 1



Menina em Escola de Acampamento do MST, Fonte: Sebastião Salgado, 1978-2003

Imagem 2



Escolas do MST, Fonte: Gazeta do Povo, 26/11/2017

Ambas as fotografias retratam a mesma realidade: Escolas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Entretanto, a “imagem 1” faz parte de um trabalho fotodocumentarista de Sebastião Salgado já a “imagem 2” pertence à uma reportagem elaborada pelo jornal “Gazeta do Povo”. Ambas denunciam uma realidade e ilustram um cenário político do Brasil, contudo percebe-se que a construção da “imagem 1” foi elaborada e minuciosamente pensada diferentemente da “imagem 2”.

A utilização de recursos imagéticos no jornalismo ocorreu em 1904, através do Daily Mirror, o primeiro tabloide fotográfico. A partir de então a relação da imagem com a notícia torna-se fundamental, assim como o texto. Com o passar dos anos as imagens tornaram-se cada vez mais difundidas e banalizadas pela sociedade. "Hoje em dia, as imagens fotográficas estão de tal modo difundidas que, por vezes, nem nos apercebemos da sua presença" (MARTINS, 2013, p. 4).

A problemática exposta por Célia Martins assombra a realidade contemporânea, de acordo com a autora a sociedade está cada vez mais propensa a ignorar os detalhes e as reflexões que as imagens proporcionam. Além disso, tal fato contribuiu para o distanciamento entre diferentes realidades sociais, tendo em vista o papel provocativo da fotografia, que muitas vezes promove aproximação entre o fato, o fotógrafo e observador final da imagem.

---

Nessa perspectiva, a autora, Susan Sontag, propões que a linguagem visual ressignifica a relação do homem com o espaço no qual está inserido, possibilitando que o indivíduo visualize internamente coisas jamais vistas, criando uma memória fotográfica.

Ao ensinar-nos um novo código visual, as fotografias transformam e ampliam as nossas noções do que vale a pena olhar e do que pode ser observado. São uma gramática e uma ética da visão. O resultado mais significativo da atividade fotográfica é dar-nos a sensação de que a nossa cabeça pode conter todo o mundo – como uma antologia de imagens. (SONTAG, 1986, p.13)

Portanto, permite que o indivíduo tenha, não só uma perspectiva de algo que não presenciou, como também uma interpretação imagética sobre o fato documentado. Sendo assim, de maneira análoga à escrita a fotografia não é um recurso isento de opinião, pois permite ao receptor, assim como a escrita permite ao leitor, criar um ponto de vista a partir do que é lido/observado. No fotojornalismo esses dois recursos caminham em conjunto:

Fotografias não são isentas de sentido, informação ou valor. Ao contrário – e no fotojornalismo, especialmente –, são produzidas e existem para transmitir algo para alguém, uma mensagem, um sentimento, uma sensação. Elas 'falam', ou, como a própria etimologia da palavra diz, 'escrevem com a luz'. Assim, partindo da premissa de que são 'escritas', subtende-se que podem ser 'lidas' [...] (BRESSAN; BONI, 2011, p.29)

De acordo com SOUSA (2002) as fotografias tendem a transmitir melhor uma mensagem quando retratam ou focam em um único elemento ou sensação, como a pobreza, a calma, a velhice, a exclusão social, a tempestade, o pôr do sol, o insólito, o acidente etc. Havia uma crença atrelada ao ato de fotografar, quando, em seus primórdios, fora comparada com a pintura, Dubois (1993) associa esse fenômeno à falsa sensação causada pela natureza técnica e automática do aparelho fotográfico, como se esta fosse capaz de distanciar o fotógrafo do ato de fotografar. Na pintura essa lógica se aplicaria se o artista não interferisse diretamente em sua obra, pois esta não seria feita com as próprias mãos.

Acreditava-se, portanto, que a fotografia seria a mais pura representação da realidade e que o fotógrafo seria apenas um operador da máquina. Contudo, por mais “pura” que uma imagem possa parecer, é importante ter em mente que ela carrega intenções e ideologias de quem a fotografa. MARTINS (2013) afirma que o fotojornalista

intui o sentido à medida que constrói a imagem. Nota-se então, que assim como a figura do autor está presente na escrita, o fotógrafo se faz presente na imagem.

A questão entre fotojornalismo e fotodocumentarismo se apresenta a partir do momento que o fotodocumentarista estuda o cenário no qual irá trabalhar e pode transmitir a imagem de forma mais adequada à realidade. O fotojornalista, por sua vez, enfrenta um cenário totalmente diferente à medida que precisa trabalhar sob uma maior dinamicidade e tem de capturar uma realidade que é muitas vezes desconhecida.

### **O caráter das imagens**

As imagens, portanto, possuem um caráter comunicativo capaz de interferir nas relações humanas, tanto na percepção do fotógrafo com o ambiente, tanto na percepção do observador da imagem com o ambiente posteriormente. Essa relação que Susan Sontag estabelece em sua obra de 1986, a autora acredita que o processo de “fotografar” teria modificado a maneira como a realidade é encarada por nós.

Para elucidar essa questão, SONTAG (1986) utilizasse da fotografia americana, quando, em seus primórdios, apresentava um forte caráter social, ou seja, era elaborada com o intuito de provocar mudança. A autora denomina esse processo de “fotografia militante”. Em seguida, cita como exemplo o trabalho do fotógrafo Lewis Hine, que mudanças nas leis trabalhistas da época ao retratar crianças trabalhadoras.

Imagem 3



Fonte: Lewis Hine: “Young Cigarmakers in Englahardt & Co., Tampa, Fla, 1909”

Assim, ao pensar na fotografia como meio de transformação social, entendessem sua potência como meio comunicacional e sua relevância nos tempos atuais. A imagem ocupa um lugar de ascensão em nossa sociedade, afinal os aparelhos fotográficos estão de tal modo difundidos, que são capazes de moldar o comportamento humano. Didi-Huberman (2015) questiona o ato de ‘tirar uma foto’, para ele é preciso entender de quem se tira e o que se tira, para que assim, possa-se restituí-la a culto privado ou ao culto público.

Nessa perspectiva, Didi-Huberman (2015) traz à tona a questão ética da imagem, destacando elementos como: enquadramento, montagem e a posição do montador em sua própria montagem. Para ilustrar essa questão o autor menciona o trabalho de Robert Bresson e Harun Farocki, para ele os dois autores apresentam ‘modéstia’, pois evitam de se colocar e permitem que as imagens falem por si só. Há, portanto, uma ideia de política genuína, na gestão da imagem como um bem comum, buscando compreender e identificar como esse bem circula na sociedade.

Modéstia diante do trabalho e modéstia do trabalho - o trabalho da imagem ou do pensamento- na medida em que ele seria sempre trabalho sobre o trabalho de outro. Restituindo a esse título o trabalho humano em geral na esfera do bem comum, que não pertence propriamente a ninguém. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 219)

Além de deslocar a maneira na qual as imagens são implementadas é preciso ensinar e coordenar formas outras de prover e ler as imagens. O Projeto de Extensão “Verter: Inclusão Social através da Fotografia”, realizado em 2006 em Blumenau/SC, obteve resultados significativos na comunidade Pedro Krauss que enfrentava problemas com a violência entre os jovens.

O intuito do projeto era transformar o olhar dos adolescentes através da fotografia além de inverter a perspectiva fotográfica do bairro, que sempre aparecia nos tabloides através de notícias violentas. Foram realizadas atividades de campo e discussões a respeito das temáticas que seriam fotografadas, além disso os adolescentes puderam frequentar o espaço universitário da cidade para revelar as fotos.

Os resultados foram positivos, além de proporcionar uma atividade de lazer para os jovens, que estavam constantemente expostos à violência, pois alegavam “não ter o que fazer”; a fotografia ampliou a visão crítica, os aproximou da universidade, realidade

---

nunca exposta antes a eles, e, concluíram a proposta de alfabetização visual aprimorando suas habilidades fotográficas.

Outra importante questão do experimento foi a repercussão do trabalho que foi exaltado nos tabloides da cidade, portanto o bairro que sempre esteve associado às notícias de violências, tornou-se destaque pelo ensaio fotográfico das crianças da comunidade, que tiveram seu trabalho reconhecido. Assim como aconteceu no experimento o simples fato de modificar o autor da obra interferiu na reputação da comunidade. As crianças que pertencem a aquele ambiente puderam retratá-lo de uma maneira positiva, transmitindo uma perspectiva desconhecida até então pela cidade de Blumenau.

### **Considerações finais**

Os processos comunicativos estão em constante evolução, por isso é fundamental para o desenvolvimento psíquico ganhar consciência dos efeitos dos meios sobre nós, como o autor Marshall McLuhan propôs em “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem”. McLuhan (1969) acredita que o homem se reinventa à medida que novas tecnologias são implementadas. Seguindo essa lógica, entende-se que a fotografia não é mais a mesma de cem anos atrás, por isso, torna-se necessário encará-la de maneira diferente. Nesse sentido, a forma corriqueira de aparições e fluidez sobre as quais a fotografia se estabelece no mundo contemporâneo tem mascarado o seu grande potencial.

Assim, compreende-se as muitas maneiras de fotografar uma realidade, cabe aos fotógrafos analisarem a que mais se enquadra na captação de seu material. Além disso, é necessário um pouco de malícia quando estivermos diante de imagens, por isso, torna-se fundamental a promoção de uma educação imagética, assim como no projeto “Verter: Inclusão Social através da Fotografia”. Esse conhecimento irá repercutir cada vez mais no cotidiano contemporâneo, visto que as imagens estão enfaticamente presentes nesse universo.

Logo, entende-se que a fotografia jamais será a mera reflexão da realidade, ainda que se aproxime da isenção de ideologia seja no fotojornalismo, seja no fotodocumentário. Entretanto, a imagem compreende uma diversidade de aplicações, Marshall McLuhan acredita que: “Os produtos da ciência moderna, em si mesmos, não

---

são bons nem maus: é o modo com que são empregados que determina o seu valor.” (MCLUHAN, 1969, p.24). Ao fim, propõe-se que a imagem não é um mecanismo imparcial e pode contribuir para denunciar uma realidade e até mesmo transformá-la. Por isso, deve ser encarada com a mesma relevância que artifícios comunicacionais, como a fala e a escrita.

## Referências

DIAS, Kimberly. **Fotojornalismo e Realidade: interpretações fotográficas em tempos de manipulação visual.** UniCeub, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/9523/1/21342098.pdf>

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Devolver uma imagem.** In: ALLOA, Emmanuel (org.). Pensar a imagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas: Papirus, 1993.

FIGUEIREDO, E. Roland Barthes: **Da morte do autor ao seu retorno.** Revista Criação & Crítica, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/73514>. Acesso em: 5 jul. 2023.

MARTINS, Célia. **A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética: Apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo 2010, 2013.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013- imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf>

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.

SANTOS, Marcelo. **Aproximações entre Fotografia e Jornalismo para uma Expressividade do Fotojornalismo.** Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0993-1.pdf>

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

---

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

TELES, Anamaria; SAMAGAIA, Jacqueline. **O Uso da Fotografia como Instrumento de Inclusão Social – uma Experiência com Adolescentes de uma Comunidade de Baixa Renda na Cidade de Blumenau/SC.** Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/r0412-1.pdf>